

deixa que é minha

GOLEIRO DE UMA PERNA SÓ DÁ SHOW DE DEFESAS E DIZ, COM BOM HUMOR, QUE É O ÚNICO QUE NÃO SOFRE GOL PELO MEIO DAS PERNAS

José Cruz
Da equipe do Correio

Foram meses de suplício. A dor era insuportável. E o efeito colateral da quimioterapia, pior. Quando tinha 18 anos, o gaúcho Jairo Blank, vítima de câncer na perna direita, chegou a implorar pela morte. Com o apoio da família, resistiu a tudo. Mas não escapou da dor maior, a amputação da perna.

Hoje, aos 34 anos, casado com a enfermeira Marilene, ele se orgulha de ter resistido. Olhos azuis — revelando a origem alemã — brilhando de emoção ao contar sua história, ele critica os deficientes que se acomodam. E responde, duro, quando é chamado de aleijado: “Aleijado é quem tem dois braços e duas pernas mas não tem cabeça, não tem miolo”. Para ele, “a deficiência não está na falta de um ou de outro membro, mas no cérebro”.

Quem vê o goleiro Jairo uniformizado e em atuação com os

seus companheiros, compreende melhor suas reações. “Não estou acabado só porque perdi uma perna. Continuo fazendo o que gosto, como jogar futebol”.

Quando esse gaúcho de Santa Cruz do Sul — cidade a 130km de Porto Alegre — chega ao campo de futebol soçaite da Estância Gaúcha do Planalto (em frente ao ParkShopping), seu potencial é reconhecido pelos associados que ali se reúnem para as peladas de fim-de-semana.

“O Jairo, no gol, é uma segurança para o time”, reconhece o zagueiro Sidney da Silva Bernal, presidente da Estância



GARRA
JAIRO ARRISCA-SE ATÉ EM BOLAS DIVIDIDAS, SEM PERDER O EQUILÍBRIO

Gaúcha. Com um equilíbrio impressionante e sem o apoio de muletas, o gaúcho saltita de um lado para o outro. E nas bolas altas revela excelente impulsão e elasticidade, com vãos no melhor estilo de experientes goleiros.

“Mas se o cara chutar baixinho, rasteiro no chão, aí é difícil eu pegar”, reconhece. “Prin-



ELASTICIDADE
CHUTE NO ÂNGULO: JAIRO MOSTRA IMPULSÃO E EXCELENTE MOBILIDADE

cipalmente se a bola vier do lado direito, onde está a minha deficiência”.

BARBADA

Jogador que chega pela primeira vez ao bem cuidado campo de futebol da Estância Gaúcha do Planalto e vê que no time anfitrião o goleiro tem uma perna só pode até pensar:

que chutar forte, porque se facilitar eu vou lá e pego. Até pênalti em jogo de decisão eu já defendi”, orgulha-se.

Seus companheiros — e até os adversários — confirmam: “Esse cara é incrível”, diz o brasiliense Frederico Soares, 24 anos, atacante do Internacional, que disputa com o Grêmio o clássico dos peladeiros da Es-

tância. “No ano passado não consegui fazer gol nele. Só este ano”, garante Frederico. Jair, irmão de Jairo, que visita Brasília, conclui: “Se tivesse a outra perna, estaria num grande time. Ele sempre foi bom no futebol”.

Com 1,74m, físico privilegiado e perna esquerda com ótima musculatura, Jairo tem excelente reflexo e boa colocação embaixo da trave. Ágil nos movimentos, levanta-se do chão com rapidez incrível para repor a bola em jogo. Tudo sem perder o equilíbrio. “Sei que tenho limitações, mas acho que poderia ter uma chance no time de futebol do Brasil nos Jogos Paraolímpicos”, sonha.

Embora gremista, Jairo é sincero ao reconhecer que se espelhou na tranqüilidade do goleiro tetracampeão mundial, Taffarel, revelado no Inter, para se tornar o preferido entre os peladeiros. Mas também elogia o goleiro do Grêmio, Danrley. “Ele é bom, só falha muito na saída do gol”.

alegria de viver

Foi durante uma pelada, em 1984, em Santa Cruz do Sul, interior gaúcho, que Jairo Blank sentiu uma fisgada na parte interna do joelho direito. “Coisa natural, passa logo”, imaginou o então jogador de 18 anos. Mas, ao contrário, piorou. Fez massagens, aplicou remédios caseiros e nada.

“A dor era insuportável e, pior, eu estava emagrecendo rapidamente. O câncer estava ganhando de goleada e eu não sabia de nada”, conta Jairo, voz pausada, rouca, emocionado ainda hoje.

Depois dos primeiros exames, o médico falou com a sua mãe, Darea, reservadamente. E aconselhou tratamento urgente, em Porto Alegre. No interior, pouco havia para fazer, pois o diagnóstico indicava um caso irreversível de câncer.

“Mamãe chegou chorando em casa, mas não falou do que se tratava”. A família vendeu o que tinha e levou Jairo a Porto Alegre, onde fez quimioterapia, uma combinação de drogas administrada via intravenosa ou oral, que visa limitar o crescimento do tumor.

“Coisa horrível. Eu estava numa situação em que a morte deveria ser melhor”, recorda. O tipo de câncer que atacou Jairo é conhecido por “osteossarcoma”, ou seja, um tumor maligno de osso que se espalha rapidamente pelo sangue e atinge o pulmão. Na maioria dos casos é fatal. Os médicos previram: tinha vida para mais dois anos. E só.

A cirurgia foi feita há 15 anos, no dia 15 de maio de 1985. “Voltei a ser bebê, pois precisava aprender a andar de novo, só que desta vez com muletas”. Mas, ao contrário do que ocorre com muitos, ele enfrentou a situação sem traumas. “Eu sabia que não poderia mais dançar nem jogar bola como antes. Em compensação, estava vivo”.

O tempo passou, e alguns anos depois Jairo estava novamente nos campos de futebol. Agora, como goleiro, surpreendendo a todos com sua ousadia. “Minha vida é normal, sem depressões, tristezas”, repete com frequência, mostrando que, de fato, está na sua cabeça uma incrível alegria de viver.

“Foram anos difíceis. Vendemos o que tínhamos para poder pagar as despesas de médico particular, porque se fôssemos esperar ele não resistiria”, conta a sua mãe, Darea, desde Rio Pardo, onde reside até hoje. “Graças a Deus, valeu o sacrifício. Ele está vivo. E feliz”. (JC)

Fotos: Nehil Hamilton



SEGURANÇA
BOLA NO ALTO NÃO É PROBLEMA PARA JAIRO: “MAS SE O CARA CHUTAR BAIXINHO, RASTEIRO NO CHÃO, AÍ É DIFÍCIL EU PEGAR”

superando preconceitos

A alegria de viver transmitida por Jairo Blank tem vários motivos. Um deles, muito íntimo e querido: sua mulher, Marilene, gaúcha de Rio Pardo (a 150km de Porto Alegre), desde 1992 morando em Brasília.

Foi durante um típico baile do interior gaúcho que eles se conheceram. Jairo — um músico que “faz barulho” — tocava violão. “Flertei com ele a metade do baile e aproveitei o intervalo, quando os músicos foram jantar, para me aproximar”, relembra Marilene. Quando Jairo pegou as muletas para descer do palco, ela percebeu que ele não tinha uma perna.

“Foi um choque, claro. Mas como eu havia me encantado pela cara dele, fui em frente”, diz Marilene, lembrando o início do namoro. O casal enfrentou as discriminações naturais. “No início, minha família não aceitou muito bem. Mas eu lhes mostrei que era preciso superar esses preconceitos. Afinal, o encanto que tinha por Jairo me fez passar por cima disso tudo”.

Enfermeira formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Marilene trocou Rio Pardo por Brasília em 1992, quando foi aprovada para o hospital Sarah Kubitschek. A distância fez aumentar o carinho entre o casal e, em 1997, Jairo veio morar em definitivo com a mulher.

Aqui, o gaúcho tornou-se cliente do Hospital Sarah, onde trocou a prótese, aparelho que utiliza em ocasiões sociais. Na rotina do trabalho — ele é administrador da Estância Gaúcha do Planalto — Jairo utiliza muletas. “Movimento-me melhor com elas. A prótese dá uma melhor aparência estética e utilizo em festas”, diz ele.

Além do trabalho e do futebol, Jairo tem um outro compromisso: visitar as crianças do Sarah Kubitschek. “Lá, toco violão e canto para elas. É a forma de tornar mais alegre a vida triste de quem está hospitalizado”, diz o gaúcho, emocionado.

“Durante a minha recuperação, aprendi a tocar violão. Foi aí que descobri que tinha esse lado musical e hoje toco saxofone, teclado, guitarra etc”.

A expectativa do casal, agora, é para com a chegada de Eduardo — Marilene está grávida de cinco meses. Houve acordo, é claro. Se fosse mulher, seria torcedora do Internacional, time dela. “Mas como é homem, terá uma camisa gremista no enxoval”, conforma-se. E o segundo filho? “Neste caso, vai ser colorado, seja homem, seja mulher”, concorda o casal. (JC)